

resgatar do abismo... Quando ela partiu, compreendi que a minha vida nunca mais seria a mesma; naquele exato momento, eu tive que crescer e criar a minha própria reserva de forças para assumir os filhos dela com o meu pai... Depois de minha mãe e de Cidália, nunca mais tive aconchego de colo de mãe... Os espíritos me deram e me dão muito carinho, mas, com todo o meu respeito a eles, eu sinto muito a falta delas duas... Se eu puder, após a minha desencarnação, serão esses dois espíritos que eu gostaria de encontrar primeiro..."

135

"Enquanto não encaminhei o último filho de Cidália, não me senti livre do compromisso; quando o último se casou, pude, com maior liberdade, seguir o meu próprio caminho... As meninas, minhas irmãs, haviam ficado muito pequenas. À noite, sentindo falta da mãe, elas se passavam para a minha cama; dormiam agarradas em mim... Eu tinha que lhes contar histórias para que parassem de chorar, fazendo força para não chorar junto com elas... E os espíritos vinham, escreviam, confortavam o meu coração... Eram o serviço, a casa, o centro, os meninos de Cidália, os amigos, o pessoal que começava a me procurar em Pedro Leopoldo... Não havia tempo para nada. A caridade sempre foi o meu lazer: visitar as famílias mais pobres na periferia, conversar com aquelas senhoras de pano muito alvo amarrado na cabeça, tomar café quente na caneca esmaltada... Ainda agora, sinto cheiro do café da casa de D. Chiquinha!..."

Aquilo era uma vida de muita luta, mas era felicidade! Hoje, a coisa mudou muito — não sei se para melhor ou para pior!..."

136

"As vezes, nos será possível auxiliar alguém apenas com o silêncio; há pessoas que, em nos procurando, estão procurando apenas quem se mostre disposto a ouvi-las — falando aos nossos ouvidos, é como se estivessem falando aos ouvidos de Deus!..."

137

"Tinha eu dezessete anos, em 1927, quando na noite de 8 de julho do referido ano, em uma reunião de preces, escutei, através de uma senhora presente, D. Carmem Penna Perácio, já falecida, a recomendação de um amigo espiritual, aconselhando-me a tomar papel e lápis, a fim de escrever mediunicamente. Eu não possuía conhecimento algum do assunto em que estava entrando, mesmo porque ali comparecia acompanhando uma irmã doente que recorria aos passes curativos daquele círculo íntimo, formado por pessoas dignas e humildes, todas elas de meu conhecimento pessoal. Do ponto de vista espiritual, apesar de muito jovem, era fervoroso católico que se confessava e recebia a Sagrada Comunhão, desde 1917, aos dez janeiros de idade. Ignorando se me achava transgredindo algum preceito da



Igreja, que eu considerava minha mãe espiritual, tomei o lápis que um amigo me estendera com algumas folhas de papel em branco e meu braço, qual se estivesse desligado de meu corpo, passou a escrever, sob os meus olhos cerrados, certa mensagem que nos exortava a trabalhar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. A mensagem era constituída de dezessete páginas e veio assinada por um mensageiro que se declarava "Um amigo espiritual", que somente conheceria depois. Nenhuma das pessoas presentes se interessou em conservar o comunicado, inclusive eu mesmo, pois nenhum de nós, os companheiros que formavam o círculo de orações, poderia prever que a tarefa de escrever mediunicamente se desdobraria para mim, através de vários decênios.

No dia seguinte, após a missa da manhã, procurei o Padre Sebastião Scarzelli, que era meu confessor e protetor, e contei-lhe o sucedido, pedindo-lhe me aconselhasse quanto ao que me caberia fazer. Ele era um padre moço, creio que de origem italiana. O querido sacerdote, que muitas vezes fora o meu apoio nas dificuldades psicológicas e mediúnicas, que eu periodicamente atravessava, me falou com bondade que ele mesmo nunca lera livros espíritas, mas, se eu me sentia bem no círculo de preces a que comparecera, seria justo buscar a paz que me faltava, já que o nome de Jesus presidia aquele grupo de pessoas honestas e ainda me afirmou que eu poderia freqüentá-lo, mas lembrando a minha devoção a Nossa Senhora, pois ele acreditava que a nossa Mãe Santíssima intercederia em meu benefício em qualquer circunstância. Depois desse entendimento, não mais vi o Padre Scarzelli, que fora removido para a

cidade de Joinville, no Estado de Santa Catarina, onde faleceu, há poucos anos, na condição de monsenhor e onde se pode ver a obra imensa de benemerência que realizou em favor da comunidade.

Sem a presença daquele apóstolo do Bem, dediquei-me ao grupo espírita, com a mesma fé com a qual comparecia às atividades católicas.

Tudo seguia em ordem, quando na noite de 10 de julho referido, dois dias depois de haver recebido a primeira mensagem, quando eu fazia as orações da noite, vi o meu quarto pobre se iluminar, de repente. As paredes refletiam a luz de um prateado lilás. Eu estava de joelhos, conforme os meus hábitos católicos, e descerrei os olhos, tentando ver o que se passava. Vi, então, perto de mim uma senhora de admirável presença, que irradiava a luz que se espraiava pelo quarto. Tentei levantar-me para demonstrar-lhe respeito e cortesia, mas não consegui permanecer de pé e dobrei, involuntariamente, os joelhos diante dela. A dama iluminada fitou uma imagem de Nossa Senhora do Pilar que eu mantinha em meu quarto e, em seguida, falou em castelhano que eu compreendi, embora sabendo que eu ignorava o idioma, em que ela facilmente se expressava:

— "Francisco — disse-me pausadamente — em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, venho solicitar o seu auxílio em favor dos pobres, nossos irmãos."

A emoção me possuía a alma toda, mas pude perguntar-lhe, embora as lágrimas que me cobriam o rosto:

— Senhora, quem sois vós?

Ela me respondeu:



— "Você não se lembra agora de mim, no entanto em sou Isabel, Isabel de Aragão."

Eu não conhecia senhora alguma que tivesse este nome e estranhei o que ela dizia, entretanto uma força interior me continha e calei qualquer comentário, em torno de minha ignorância. Mas o diálogo estava iniciando e indaguei:

— Senhora, sou pobre e nada tenho para dar. Que auxílio poderei prestar aos mais pobres do que eu mesmo?

Ela disse:

— "Você nos auxiliará a repartir pães com os necessitados."

Clamei com pesar:

— Senhora, quase sempre não tenho pão para mim. Como poderei repartir pães com os outros!..."

A dama sorriu e me esclareceu:

— "Chegará o tempo em que você disporá de recursos. Você vai escrever para as nossas gentes peninsulares e, trabalhando por Jesus, não poderá receber vantagem material alguma pelas páginas que você produzir, mas vamos providenciar para que os Mensageiros do Bem lhe tragam recursos para iniciar a tarefa. Confie na Bondade do Senhor."

Em seguida a estas palavras que anotei em 1927, a dama se afastou deixando o meu quarto em pleno escuro. Chorei sob emoção para mim inexplicável até o amanhecer do dia imediato. Não tinha mais o Padre Scarzelli para consultar e notei que os meus novos companheiros não poderiam me auxiliar, porque eu não sabia o que vinha a ser a expressão "gentes peninsulares"

ouvidas por mim; quanto a estas duas palavras, nenhum deles conseguiu fornecer qualquer explicação. Sentindo-me a sós com a lembrança da inesquecível visão, passei a orar, todas as noites, pedindo a Nossa Senhora para que alguém me socorresse com as informações que eu julgava precisas. Duas semanas após a ocorrência, estando eu nas preces da noite, apareceu-me um senhor vestido em roupa branca que, por intuição, notei tratar-se de um sacerdote.

Saudei-o com muito respeito e ele me respondeu com bondade, explicando-se:

— "Irmão Francisco, fui no século XIV um dos confessores da Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, que se fez esposa do Rei de Portugal, D. Dinis. Ela desenvolveu elevadas iniciativas de beneficência e instrução nos dois reinos que formam a Península, conhecida na Europa, e voltou ao Mundo Espiritual em 4 de julho de 1336. Desde então, ela protege todas as obras de caridade e educação na Espanha e Portugal. Foi ela que o visitou, há alguns dias, nas preces da noite, e prometeu-lhe assistência. Ela me recomenda dizer-lhe que não lhe faltará recursos para a distribuição de pães com os necessitados. Meu nome em 1336 era Fernão Mendes. Confie em Jesus e trabalhem na sementeira do bem."

Eu não tive garganta livre para falar.

O padre se retirou e, sentindo a premência do que desejava a nobre senhora, que eu não sabia ter sido, na Terra, tão amada e tão ilustre Rainha. No primeiro sábado que se seguiu às ocorrências que descrevo, fui com minha irmã Luíza (atualmente desencarnada) até uma



ponte muito pobre, até hoje existente e reformada, na cidade de Pedro Leopoldo, Minas, onde nasci, conduzindo um pequeno cesto com oito pães. Ali estavam refugiados alguns indigentes; parti os pães, a fim de que cada um tivesse um pedaço, e assim foi iniciado o nosso serviço de assistência que perdura até hoje. Em Pedro Leopoldo, com alguns companheiros, fiz a distribuição de pães, de 1927 a 1958. Em janeiro de 1959, mudei-me para esta cidade de Uberaba, aqui chegando no dia 5 de janeiro de 1959. Um grupo de amigos já nos esperava e promovemos a distribuição de pães numa vila da periferia uberabense. Essa distribuição semanal, aos sábados, permanece ativa até hoje. Moramos numa casa vizinha de três núcleos de favelados e a nossa distribuição de pães, atualmente, se eleva ao número de um mil e quinhentos por semana, divididos entre os necessitados das três favelas a que me referi."

138

"(Quanto ao fenômeno da vida e da morte)... posso dizer que me vejo, simbolicamente, na condição de um lagarto que conseguisse viver, durante longo tempo, e que, por isso, enxergou muitos lagartos — companheiros se cadaverizarem na forma de casulos aparentemente secos e imóveis, a se transformarem, logo após, em borboletas que vencem alturas, surpreendendo-se, com o belo fenômeno, sem possibilidades de explicá-lo."

139

"Não será a violência o resultado de nosso pretendido afastamento da fé religiosa, segundo o materialismo da inteligência deteriorada, que tenta convencer-nos de que não passamos de animais sadios ou doentes da civilização?"

140

"... a educação sexual é assunto a ser conduzido seriamente, no futuro, porque, no presente, em nosso âmbito pessoal, ignoramos onde estarão os professores para semelhante disciplina."

141

"Acreditamos que tanto é um delito grave assassinar uma criança na via pública, quanto exterminá-la, em falso regime de impunidade, no ventre materno."

142

"O espírito preso ao remorso não consegue avançar... Enquanto não quitar, com a própria consciência, os seus débitos, não encontrará o caminho que lhe permita livre acesso a novas conquistas."